

Construindo “evidências”, formando terraplanistas: mídias, públicos e a defesa de uma “ciência de verdade” da Terra Plana¹

Jorge Garcia de Holanda (UFRGS/Rio Grande do Sul)

Palavras-chave: negacionismo; *alt-sciences*; plataformas digitais

Em meados da década de 2010, uma onda de disseminação do modelo da Terra Plana tomou forma em plataformas digitais em diversos países, incluindo o Brasil. Seus defensores eram, em sua imensa maioria, pessoas sem formação ou atuação na ciência oficial. Afirmava-se que o contato recente com materiais em defesa de uma cosmologia terraplanista (vídeos de YouTube, discussões em grupos de Facebook e WhatsApp etc.) havia sido decisivo para a adesão dessas pessoas ao modelo, tornando-as consumidoras e propagadoras de uma concepção do mundo abertamente contrária a uma série de fatos estabilizados pela ciência. Um termo era recorrentemente usado para designar esse processo de transformação subjetiva que, quando completado, fazia da Terra Plana um traço decisivo de quem essas pessoas eram e de como entendem o mundo: “despertar” — ou seja, a ideia de que uma relação franca com “a verdade” havia sido possível em suas vidas apenas um intensivo trabalho de conversão ao modelo da Terra Plana.

Em termos mais concretos, o resultado desse “despertar” era, em linhas gerais, uma ampla rejeição do “heliocentrismo”. Terraplanistas entendem o termo não apenas como o paradigma que descreve que a Terra e os demais planetas do nosso sistema solar giram em torno do sol. Ele remete também à coleção dos pressupostos que o apoiam: a esfericidade da Terra, evidentemente, mas também a atuação da força gravitacional, a externalidade dos corpos estelares em relação à Terra, a existência do próprio espaço sideral etc. Aderir à Terra Plana, de certo modo, envolve negar a veracidade de tudo isso. Mas essa contraposição mais ampla implica também numa série de afirmações². A ideia

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Muitos trabalhos mostram que diferentes tipos de doutrinas à margem [*fringe theories*] (Gordin, 2021) não se constituem simplesmente enquanto *negação* de práticas e enunciados da ciência oficial — é o que mostram pesquisas sobre ufologia (Dean, 1998; Almeida, 2015; Lepselter, 2016), parapsiquismo e conscienciologia (Chiesa, 2017) e sobre negacionismos científico e histórico (Kahn-Harris, 2021). Como aponta Costa (2021, p. 307), o que muitos negacionismos “negam não é ‘a ciência’, mas sim determinadas

da planicidade da Terra é defendida como um traço de um modelo cosmológico alternativo em que muitas outras peças se encaixam (com “harmonia” e “perfeição”, segundo seus defensores): a Terra seria coberta por um domo, dentro do qual se encontram sol, lua e as estrelas (todos de proporções bem menores que a Terra; sol e lua, enquanto isso, giram sobre a Terra formando os dias e as noites); ao redor da Terra estaria a Antártida, funcionando como uma barreira de gelo que se estenderia por toda a borda do “planeta” (este termo, costumeiramente rejeitado, em muitos casos sendo considerado mais correto falar da Terra como um “reino”); sobre o domo estariam as águas acima do firmamento (e muitos diriam que ali estaria também o trono de Deus); abaixo da Terra, as colunas, o *sheol* etc.

Terraplanistas, ao reconhecerem aquilo que defendem como um modelo cosmológico amplo, multifacetado e inconciliável com fatos fortemente estabilizados pela ciência, colocam-se a tarefa de apoiar suas alegações em “evidências” — afinal, eles atribuem a elas um papel determinante no processo de “despertar”. Sua noção de “evidência” está em sintonia com a ideia de que, na verdade, são eles que praticam “ciência de verdade” com seus métodos experimentais caseiros de “testar a curvatura”, demonstrar que a água se mantém sempre plana e não faz curva, “provar” que “a gravidade não existe” etc. Mas essas “evidências” são produzidas também de outras formas: a Bíblia é amplamente acionada, submetida à interpretações que revelariam nela a descrição de uma cosmologia terraplanista, com menções diversas a termos-chave e expressões como “águas acima do firmamento”, “o sol se move”, “a terra está firme” etc. — além da própria cosmogonia criacionista, fundamental ao modelo. Soma-se a esse “corpo de evidências” a leitura de todo tipo de “indício” de um gigantesco plano de controle da humanidade encampado por poderosas e malignas forças conspiratórias interessadas em esconder a “verdade” da planicidade da Terra, “indícios” estes encontrados em materiais tão diversos como registros audiovisuais da NASA de seus astronautas em módulos espaciais, mensagens subliminares em filmes da Disney ou referências ao demônio em medidas astronômicas.

Para minha fala nesta mesa, não interessará tanto seguir descrevendo as formas assumidas pelo que terraplanistas chamam de “evidências”. Na pesquisa que realizei no meu doutorado (Holanda, 2023), apostei na possibilidade de etnografar a onda recente de

práticas e enunciados dos quais se duvida que sejam verdadeiramente científicos”, persistindo nesses coletivos uma “vontade de verdade” e um desejo de “proteção contra o engano”.

disseminação do modelo da Terra Plana a partir de um dos espaços centrais de produção e circulação dessas ditas “evidências”: o YouTube, onde vídeos eram publicados por pessoas que, devido a essa mesma produção, passavam a se consolidar como *especialistas* no meio terraplanista, ao mesmo tempo em que esses vídeos eram consumidos por grande parte, se não a totalidade, de quem se afirmava enquanto *desperto* — um “despertar” frequentemente atribuído à própria imersão nessa ampla e constante produção audiovisual acumulada na plataforma. Trago aqui um caso que permite enfatizar alguns elementos importantes nesse circuito de produção e consumo de vídeos que me parecem fundamentais para compreender o fenômeno contemporâneo do terraplanismo.

Um marco na emergência do terraplanismo contemporâneo

O norte-americano Mark Sargent, técnico de informática e ex-jogador profissional de jogos de videogame, é frequentemente lembrado como o primeiro terraplanista a “viralizar” no YouTube, em fevereiro de 2015. Um pouco antes disso, em agosto de 2014, ele havia se filiado à *Flat Earth Society*, frequentando seus fóruns online, mas não chegando a assumir nela nenhum tipo de posição de destaque. A *Flat Earth Society* era uma das associações que carregavam o legado moderno do terraplanismo, que se arrastava desde a criação da chamada *astronomia zetética*, em meados do século XIX, pelo inglês Samuel Rowbotham — um indivíduo também sem relação com universidades, observatórios ou qualquer outro tipo de instituição afinada aos conhecimentos e práticas astronômicas então consolidadas (Garwood, 2010). Muitos dos aspectos centrais do terraplanismo contemporâneo já estavam presentes nas formulações deste seu antepassado — desde a execução de experimentos até o acionamento de passagens bíblicas. Pode-se dizer que a promoção desse modelo cosmológico via conferências públicas, livros e panfletos, depois somada a aparições na mídia impressa e televisiva e à criação de sites e fóruns virtuais compõem as principais transformações da relação entre terraplanismo e mídias no período que vai do século XIX até pouco mais que a primeira década do século XXI — de modo geral, encampadas por figuras-chave vinculadas a associações como aquela que Sargent veio a fazer parte em 2014.³

³ O trabalho historiográfico de Christine Garwood (2010) sobre a disseminação do terraplanismo nos séculos XIX e XX fornece elementos para isso; sobre a dinâmica dos fóruns até a primeira metade da década de 2010, são úteis os relatos de Michael Marshall (2020).

Quando Sargent publicou sua primeira produção no YouTube, no início de 2015, não reivindicou o nome da *Flat Earth Society* (posteriormente, chegou a se desvincular dela). Até esse momento, eram poucos e de baixo alcance os vídeos em defesa do terraplanismo na plataforma⁴. Seu vídeo — que viria a ser a primeira parte de uma série mais longa, intitulada “*Flat Earth Clues*”⁵ — consistia numa montagem audiovisual amadora de pouco mais de 10 minutos. Uma sequência de imagens coletadas na internet (algumas meramente ilustrativas, outras se prestando à função cosmográfica de tornar visíveis os parâmetros espaciais desse modelo cosmológico⁶, mais algumas apresentadas como exemplos indiciais de manipulação conspiratória) articulava-se à voz de Sargent, que buscava reconstruir algo como uma história da compreensão humana do formato da Terra, valendo-se de certas simplificações e distorções históricas⁷ para negar que existam evidências de qualquer tipo (científicas ou mesmo visuais) de que a Terra seja um globo. Sugerindo haver uma grande conspiração ativamente ocultando “o verdadeiro formato da Terra”, Sargent diversas vezes se dirigia ao espectador, numa tentativa de acionar nele a dúvida e a suspeita juntamente ao um vetor desejante fundamental: assumir-se como sujeito autônomo capaz de elaborar “suas próprias perguntas”, “ver com seus próprios olhos” e fazer “sua tarefa de casa”.

Esse pequeno artefato digital de intenção persuasiva seria em breve apenas mais um item no acervo de produções sobre o tema facilmente encontradas no YouTube e que se acumulariam na plataforma de 2015 em diante — e fazer a “tarefa de casa”, nesse caso, implicaria, em grande medida, em imergir nessas produções, que, explorando outros potenciais das imagens, se dedicariam também a produzir outras “evidências” do modelo. Mas a súbita e inesperada viralização do vídeo de Sargent teve papel fundamental na propulsão global do fenômeno contemporâneo do terraplanismo (Landrum, Olshansky e

⁴ Havia uma concentração um pouco maior em 2014, mas ainda pouco expressiva, como mostram o levantamento de Paolillo (2018) e a cronologia elaborada pelo terraplanista Paul Michael Bales, um dos pioneiros do uso da plataforma para esse fim (<https://youtu.be/9q0egAwqLSk>). Acesso em: 05/04/2023

⁵ Até o momento, este primeiro vídeo conta com mais de 1,2 milhão de visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8-YdgU-CF4&t=306s>. Acesso em: 27/07/2022.

⁶ Cosmogramas, na definição de John Tresch (2005, p. 67, 69) são artefatos — textos, “imagens, objetos, formas arquitetônicas, gestos rituais, ações” — que inscrevem uma “totalidade numa forma concreta, como base para novas interpretações e ações”.

⁷ Sargent afirma, por exemplo, que “a humanidade” sempre reconheceu o planeta como uma estrutura plana, até a elaboração do modelo heliocêntrico por Copérnico no século XVI. Mesmo se nos determos apenas na história do ocidente, a esfericidade da Terra já era consenso entre os gregos por volta de 300 a.C. (Garwood, 2010); na Idade Média, por exemplo, eram poucos e isolados os pensadores cristãos que negavam o globo (Russel, 1991).

Richards, 2019; Marshall, 2020)⁸. Aportando na “nova infraestrutura digital” que vinha reconfigurando o ambiente de mídia na década de 2010 (van Dijck, 2013) em direção a um “capitalismo de plataforma” (Srnicsek, 2017), o terraplanismo foi beneficiado no YouTube por uma arquitetura de plataforma na qual algoritmos de recomendação de conteúdo impulsionavam o proselitismo terraplanista para fora do alcance bastante limitado que sempre caracterizou suas atividades anteriores — uma política de recomendação de conteúdo que o YouTube só modificou no início de 2019, com efeitos no Brasil apenas em 2020⁹. Já em 2015, começou a se formar um público terraplanista no Brasil, inexistente até então, assentado num recém-formado (e muito ativo) *ecossistema digital de comunicação*¹⁰. No YouTube, os primeiros canais terraplanistas começaram a surgir também nesse ano — seriam quase 60 até o início de 2019 (Albuquerque e Quinan, 2019). Iniciava-se aí uma dinâmica de produção, consumo e impulsionamento de material pró-terraplanismo em língua portuguesa que, como no caso do vídeo de Sargent, dava uma nova forma e alcance (inédita em nosso país) à disseminação de um modelo de Terra plana e estacionária.

Comentários finais

Nesta apresentação, busquei descrever o que entendo como a especificidade sociotécnica do terraplanismo contemporâneo. O propósito aqui foi deslocar a questão das práticas de criação e verificação dos “fatos” terraplanistas para o ambiente que tornou o fenômeno possível e que formou o circuito de produção e consumo digital fundamental à consolidação de uma pedagogia terraplanista. A formulação de “evidências” (sejam elas inspiradas na ciência oficial, na palavra bíblica ou no pensamento conspiratório) é, nesse

⁸ Ainda que já existissem na plataforma alguns poucos vídeos com menor alcance, especialmente em 2014, como mostra levantamento de Paolillo (2018) e segundo a cronologia elaborada pelo terraplanista Paul Michael Bales, um dos pioneiros do uso da plataforma para esse fim (<https://youtu.be/9q0egAwqLSk>). Acesso em: 05/04/2023.

⁹ Nesse ano, a empresa reconheceu publicamente a necessidade de “reduzir a propagação” de conteúdo desinformativo, citando nominalmente o terraplanismo como um de seus exemplos paradigmáticos — um posicionamento tardio, considerando-se que a defesa da Terra Plana vinha se consolidando na plataforma desde 2015 e que denúncias sobre a ampla sugestão desses vídeos pelos algoritmos de recomendação do YouTube vinham sendo feitas pelo menos desde 2016. Disponível em “Continuing our work to improve recommendations on YouTube”: <https://youtube.googleblog.com/2019/01/continuing-our-work-to-improve.html>. Acesso em: 19/03/2022.

¹⁰ Tomo o termo de Leonardo Nascimento *et al.* (2021), significando que a produção de conteúdo presentes em diferentes ambientes digitais (YouTube, Facebook, WhatsApp etc.) tende a fazer pontes com as demais plataformas, por meio de *links*, formas indiretas de redirecionamento (sugestões, pedidos de inscrição etc.) ou da própria circulação do material produzido (audiovisual, imagético, textual, sonoro).

sentido, entendida aqui como parte de um processo de circulação de mediadores que as materializam — numa via de análise inspirada pelos debates em torno da noção de “religião pública”, que buscam se afastar de uma conceito de crença desmaterializada e privada, indo em direção às formas de visibilidade que colocam os coletivos na disputa de atenção pública (Giumbelli, 2018; Meyer, 2011; Meyer, 2019b; Montero, 2016; Hirschkind, 2001; Engelke, 2013; Giumbelli, Rickli, Toniol, 2019). Para esta fala, interessa reconhecer a dinâmica de produção de um *público* que, ao formar um *ecossistema digital de comunicação*, deu forma à onda recente de adesão ao terraplanismo. A noção de *público antiestrutural* elaborado por Leticia Cesarino (2022) é útil por definir de modo mais amplo o que se passa aí: assim como noutros fenômenos recentes associados a noções como as de *pós-verdade*, *negacionismo*, *desinformação*, trata-se de um público que é resultado da coemergência entre “um substrato difuso de usuários comuns”, “decisões algorítmicas” e a “ação tática de influenciadores organizados” que exploram os vieses técnicos da infraestrutura das plataformas produzindo “efeitos não intencionados, porém sistêmicos” (Cesarino, 2022, p. 23, 131). Sendo o YouTube uma fração importante desse ecossistema, esse espaço de circulação de “evidências” atende àquilo que Ignas Kalpokas (2019, p. 5) caracteriza como traço fundamental de coletivos associados à noção de “pós-verdade”: nesta “condição geral de cisão entre as reivindicações de verdade e a verificabilidade dos fatos”, critérios de verdade são transferidos para as “lógicas de mídia”, que organizam a “experiência” a partir da forma como essa infraestrutura comunicacional opera e da relação produtor–audiência na qual ela se baseia.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Afonso de; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”. **Mídia e Cotidiano**, v. 13, e, 3, p. 83-104, 2019.

ALMEIDA, Rafael Antunes. **Objetos intangíveis**: ufologia, ciência e segredo. UnB, 2015. 508 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHIESA, Gustavo Ruiz. Dissolvendo as Fronteiras entre Ciência, Espiritualidade E Terapêutica. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, a. 19, n. 26, p. 112-132, set. 2017.

COSTA, Alyne de Castro. Negacionistas são os outros? Verdade, engano e interesse na era da pós-verdade. **Principia**, v. 25, e. 2, p. 305-334, 2021.

DEAN, Jodi. **Aliens in America**: conspiracy cultures from outerspace to cyberspace. New York: Cornell University Press, 1998.

DIJCK, José Van. **The culture of connectivity**. A critical history of social media. New York, Oxford University Press: 2013.

ENGELKE, Matthew. **God's agents**: biblical publicity in contemporary England. Berkeley: University of California Press, 2013.

GARWOOD, Christine. **Flat earth**: the history of an infamous idea. London: Pan Books, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. Public spaces and religion: an idea to debate, a monument to analyze. **Horizontes Antropológicos**, v. 24, n. 52, p. 279-309, set./dez. 2018.

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019.

GORDIN, Michael D. **On the fringe**: where science meets pseudoscience. New York: Oxford University Press, 2021.

HIRSCHKIND, Charles. Civic virtue and religious reason: an Islamic counterpublic. **Cultural Anthropology**, v. 16, e. 1, p. 3-34, 2001.

HOLANDA, Jorge Garcia de. **Estéticas de um mundo plano e estacionário**: ciência, religião e conspiracionismo no ecossistema digital terraplanista. UFRGS, 2023. 323 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

KAHN-HARRIS, Keith. **Denial**: the unspeakable truth. Cumbria: Notting Hill Editions, 2018.

KALPOKAS, Ignas. **A political theory of post-truth**. London: Palgrave Macmillan, 2019.

LANDRUM, Asheley; OLSHANSKY, Alex; RICHARDS, Othello.. Differential susceptibility to misleading flat earth arguments on youtube. **Media Psychology**, v. 24, e. 1, p. 136–165, 2019.

LEPSELTER, Susan. **The resonance of unseen things**. Poetics, power, captivity, and UFOs in the American Uncanny. Michigan: University of Michigan Press, 2016.

MARSHALL, Michael. Flat earthers: what they believe and why. [Entrevista concedida a] Steve Mirsky. **Scientific American**. 27 mar. 2020. Disponível em: . Acesso em: 2 mar. 2023. <https://www.scientificamerican.com/podcast/episode/flat-earthers-what-they-believe-and-why/>

MEYER, Birgit. Going and making public: pentecostalism as public religion in Ghana. *In*: ENGLUND, Harri (org.). **Christianity and public culture in Africa**. Columbus: Ohio University Press, 2011.

MEYER, Birgit. Religião material: como as coisas importam. *In*: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019.

MONTERO, Paula. “Religiões públicas” ou religiões na esfera pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Religião & Sociedade**, v. 36, e. 1, 2016.

NASCIMENTO, Leonardo *et al.* Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 23, e. 2, mai./ago. 2021.

PAOLILLO, John. The flat earth phenomenon on YouTube. **First Monday**, v. 23, e. 12, 2018.

RUSSEL, Jeffrey Burton. **Inventing the flat Earth: Columbus and modern historians**. New York: Praeger, 1991.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2017.

TRESCH, John. Cosmogram. *In*: OHANIAN, Melik; ROYUX, Jean-Christophe. **Cosmograms**. New York: Lukas & Stenberg, 2005.